

Documentário ganha mais aplausos

Gustavo Galvão
Especial para o **Correio**

Quem foi pela badalação simplesmente, contentou-se com a presença de alguns artistas e do governador Cristovam Buarque. Mas todos aqueles que foram ao Cine Brasília no último domingo para assistir a cinema gostaram do que foi exibido. Escalados para a abertura do 31º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o curta-metragem *Novembrada* e o longa *Atlântico Negro* — na *Rota dos Orixás* foram bastante aplaudidos. Mesmo que o público tenha lotado a sala apenas depois que foi liberada a entrada para

quem não tinha convite.

Nos dois filmes exibidos domingo, o que chama atenção é o alto nível da produção e o talento de seus diretores com a câmera em punho. E se a mostra competitiva promete ser uma das melhores da década, os dois documentários selecionados para a noite de abertura — em especial *Atlântico Negro* — corresponderam às expectativas.

Dirigido com extremo cuidado por Renato Barbieri, *Na Rota dos Orixás* inicia uma série de quatro episódios que devem traçar uma panorâmica sobre os laços que unem o Brasil e a África de hoje. No primeiro episódio, entretanto, o ca-

ráter educativo do tema — desvendar as afinidades religiosas entre povos tão distantes no mapa — não acorrenta o filme a uma mera contextualização dos fatos.

O documentário agrada, principalmente, devido aos méritos do roteiro. Escrito por Victor Leonardi, ex-professor de História da Universidade de Brasília, ele utiliza muito bem as informações adquiridas por meio de apurado trabalho de pesquisa para compor um trabalho cuja riqueza cinematográfica é evidente.

Didático e agradável, o texto demonstrou completa sintonia com a direção, que, por sua vez, demonstrou competência em segurar o rit-

mo do filme. E apesar de alguns momentos excessivamente dramáticos e do começo pouco atraente, o resultado final é digno dos aplausos que recebeu.

RESSALVAS

Grande vencedor da Jornada de Cinema da Bahia, realizada em setembro, *Novembrada* também agradou ao público presente ao Cine Brasília, mas merece algumas ressalvas. O filme de Eduardo Paredes apresenta qualidades que, infelizmente, são subtraídas pelas circunstâncias.

A direção inquieta de Paredes choca-se visivelmente com a limita-

ção do elenco, formado por alunos de artes cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Representando os estudantes de Florianópolis que, a partir de um protesto, tiraram o general-presidente João Figueiredo do sério, eles não têm intimidade nem com a câmera, nem com o “coadjuvante”: Lima Duarte, ponto alto do filme.

Encarnando Figueiredo com uma habilidade fora do comum, Duarte merecia maior destaque na trama, prejudicada por um roteiro burocrático. Não à toa, o desfecho apresado e, conseqüentemente, capenga, compromete todo o esmero técnico que marca o curta-metragem.